



Começo de Conversa

Fernando Albrecht

fernando.albrecht@jornaldocomercio.com.br

É a cabeça, meu irmão

O fotógrafo Adrian Krug, de 25 anos, passa horas no acostamento da rodovia RS-240, em São Leopoldo, clicando carros, caminhões e motos. Para quem acha estranho, ele garante que a moda rende um bom dinheiro. Basta acessar o site da empresa para comprar as imagens. Galera das motos potentes e carros vistosos são os principais clientes. Cabeça não é só para pentear cabelo.

FÁBIO PILGER/DIVULGAÇÃO/JC



102 ou mais...

Prestes a completar 102 anos, o empresário e nadador Anton Karl Biedermann foi destaque de programação do Novo Hamburgo Feevale Summit. Na palestra “50 metros a mais...”, ele compartilhou histórias e reflexões sobre sua trajetória empresarial, esportiva e uma rotina de atividade física que mantém até hoje.

Bondade eleitoreira

A duas semanas das eleições, o governo Lula (PT) aumentou o Bolsa Família em 15%. Passou de R\$ 600 para R\$ 691. O impacto em 2027 será de R\$ 22 bilhões nas contas públicas.

Nel Blu

Dipinto Di Blu, como diz uma famosa música italiana. A inflação projetada para os próximos 12 meses é de 4,3% no Brasil. A meta do Banco Central é de 3%. Só falta combinar com as gôndolas dos supermercados gerenciadas pelo senhor Custo de Vida para tudo ficar azul maravilha.

Prestígio internacional

As auditoras de controle externo Aline Selau Dall'Igna e Juliana Coelho Bortoluzzi, do TCE-RS, foram chamadas para integrar o Conselho de Auditores da Organização das Nações Unidas (ONU). O órgão é responsável por fiscalizar a aplicação de recursos destinados a fundos e programas da organização internacional.

Benefício ou malefício?

O tema da reunião-almoco desta quinta da Câmara Brasil-Alemanha foi uma pergunta instigante: estamos preparados para a era das empresas autônomas? Para Bill Gates, não. Para ele e muita gente boa, a IA pode dominar toda a internet, caminho para a rebelião das máquinas.

O custo Brasil

Pesquisa divulgada pelo site Jornalistas & Cia aponta que 50,2% dos jornalistas apresentam sintomas de depressão, 47,8% convivem com estresse e 47,9% com insônia. Faz todo sentido. Lidar com o Brasil é carregar as dores do mundo.

Livro fechado

Ainda há quem pense que a lastimável sessão do Supremo foi para condenar o ministro Alexandre de Moraes, quando era apenas licença para investigá-lo. Houve tempo em que homens públicos porventura suspeitos de algo ilícito faziam questão disso para dirigir dúvidas existentes, um livro aberto para leitura. Qualquer negativa seria confissão de culpa. Mas isso foi numa galáxia muito distante e com homens de outra estirpe.

Abra sua conta.

Planeje suas conquistas e conte com a gente para realizar.

- Crédito Pessoal
- Financiamento de Veículos
- Energia Solar
- Crédito Imobiliário

Sicredi
Sicredi Origens RS

HISTORINHA DE SEXTA

Sobre dores e lembranças

Tristeza

Por favor vá embora

É minha alma que chora

Era assim que eu me sentia em uma manhã de inverno de 1969, um dos tantos momentos em que um flash de máquina fotográfica espoucou na minha mente - e eternizou meu estado de espírito ao ouvir a música do compositor Niltinho - quando tomava banho no apartamento 21 do número 533 da rua Duque de Caxias.

Posso descrever até hoje como eu me sentia com o banheiro enfumaçado por vapor d'água, e me descrever como se me visse por fora. Como são intrincados os mecanismos da mente que deletam algumas lembranças e marcam outras, como o ferro em brasa com a marca do dono deixa o couro do boi fumegante.

Quando se é novo, e foi o caso neste episódio, as desesperanças logo ficam para trás e as esperanças aparecem à frente como rocha sólida. O curioso é que não lembro o motivo da minha desdita. Mas é certo que a música foi como ferro em brasa. Assim como outras composições isolaram sentimentos e situações.

Anos antes, os festivais de música da Record que revelaram ou ratificaram talentos como Chico Buarque e *A Banda*, Edu Lobo, Geraldo Vandré com sua *Disparada* e Gilberto Gil com o *Domingo no Parque*, mais Caetano Velloso caminhando sem lenço nem documento.

Foram tempos de renovação da música popular brasileira. Quando ouvi *A Banda*, estava jantando com uma colega de faculdade na casa dela. *Domingo no Parque* me pegou de primeira, embora da primeira vez tenha achado a música estranhíssima, no sentido castelhano da palavra.

De certa forma, *A Banda* é o fim de uma época de ingenuidade e a entrada nos duros tempos de um Brasil diferente que procurava se achar - não se achou até hoje.

Eu curtia muito Noel Rosa naquele tempo. Foi um gênio que morreu cedo, uma alma jocosa mas destroçada por amores com desfechos cruéis.

Então, saíam obras-primas como *Felicidade:*

Eu fico triste

Quando vejo alguém contente

Tenho inveja desta gente

Que não sabe o que é sofrer

Ao mesmo tempo em que se lastimava, o Poeta da Vila sabia bem das dureza da vida.

João ninguém

Que não é velho nem moço

Come bastante no almoço

Pra esquecer de jantar

Noel me acompanhou por longo tempo, naqueles anos que misturavam alegrias e tristezas, mais as primeiras que as segundas. O dinheiro era pouco, a esperança era muita, e de mim diziam que eu era um sujeito de bem com a vida, sempre espirituoso e de riso fácil. Bem, sim e não. Como diz um provérbio de favela, “quem admira as cachaças que bebo não sabe os tombos que levo”.

Posso dizer que, já naquela época, eu suspeitava que o Brasil era um país irresponsável e que para ser uma nação de verdade nos faltava tenência e qualidade. Os governos sempre são um retrato de quem o pôs lá. Mas no fim, tudo acaba bem e, se não está bem, é porque não chegou ao fim. Resta cantar a última frase da música que inicia estas mal traçadas:

- *Quero de novo sambar.*